

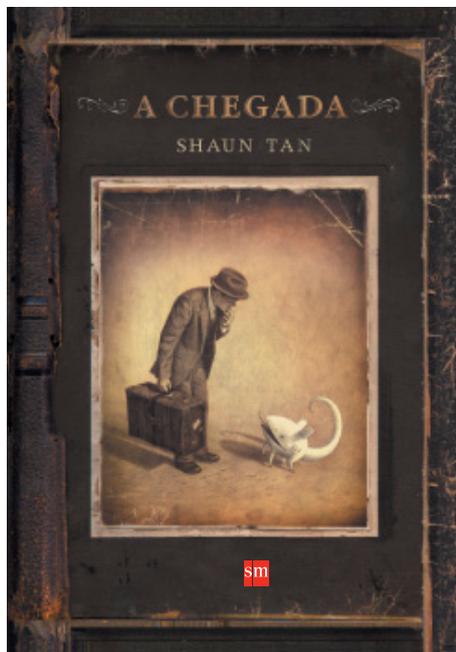
A chegada

Shaun Tan



Temas abordados Exílio • Guerra • Imigração • Cidadania

GUIA DE LEITURA PARA O PROFESSOR



128 páginas

O AUTOR Shaun Tan nasceu em Fremantle, em 1974, e cresceu em Perth, cidades no sudoeste da Austrália. Formou-se em 1995, pela Universidade da Austrália Ocidental, em Belas-Artes e Literatura Inglesa, e iniciou sua carreira ilustrando histórias de horror e ficção científica em revistas de pequena circulação. Dali em diante, recebeu inúmeros prêmios. Em 2001, foi nomeado Melhor Artista no World Fantasy, Montreal, Canadá, pelo conjunto da obra. *A chegada* obteve o prêmio de Melhor Livro Ilustrado do Ano, pelo Children's Book Council da Austrália, em 2007; o de quadrinhos do Festival de Angoulême, França, em 2008; e o da Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil, Rio de Janeiro, Brasil, em 2012 – entre várias distinções. *A árvore vermelha* e *A coisa perdida* são outros títulos do autor publicados por Edições SM. Tan trabalhou ainda em filmes de animação dos estúdios Blue Sky e Pixar.

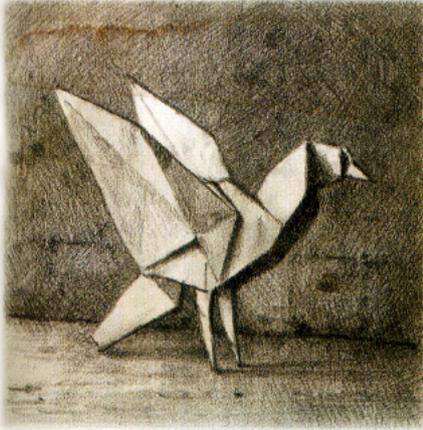
O LIVRO

A chegada é uma narrativa sem palavras: imagens contam a história de um migrante que deixa esposa e filha em sua cidade natal para tentar a vida em um país estrangeiro. Após uma longa jornada através do oceano, ele chega a uma terra completamente estranha, onde as pessoas falam uma língua indecifrável, comem alimentos exóticos e convivem com objetos flutuantes e animais bizarros.

A experiência narrada é exemplar. Esta poderia ser a história de qualquer migrante que, forçado a deixar seu país, seja pela pobreza, pela guerra ou por algum outro tipo de ameaça, se esforça por se adaptar a um lugar estranho e desconcertante.

O livro é dividido em seis partes, resumidas a seguir.

- I. A história começa com os preparativos para a viagem. A casa e os objetos da família são simples, humildes. As feições do homem e de sua mulher demonstram tristeza e apreensão. Feita a mala, mulher e filha acompanham o pai



até a estação de trem, onde se despedirão. No caminho, vê-se a cauda gigante de um animal ameaçador, que não aparece por inteiro, mas se assemelha a um dragão, cuja sombra serpenteia pela cidade.

II. Após uma longa viagem de navio, o migrante chega a um porto bastante movimentado, onde estátuas gigantes recebem os estrangeiros. A imagem lembra Nova York no início do século XX, com sua Estátua da Liberdade e a esperança de vida melhor para milhares de migrantes. O personagem passa por inspeções, é liberado e entra no país em uma cabine voadora presa a um balão. Tudo é diferente na nova terra: língua, meios de transporte, alimentos. O homem, desorientado, procura abrigo e tem seu primeiro contato com um morador da cidade, que o ajuda a arrumar um quarto. Aí é recebido por um estranho animal, que será seu bicho de estimação.

III. Começa o processo de aclimatação ao país estrangeiro. O migrante tenta se localizar na cidade, aprende a utilizar o transporte público, a comprar comida. Em sua jornada, é auxiliado por dois moradores, expatriados como ele, com os quais compartilha histórias de migração. Vive também seu primeiro momento de socialização e lazer, jantando e festejando na casa de um homem que o ajudou no mercado. O clima acolhedor e alegre traduz a promessa de um futuro melhor.

IV. O migrante sai em busca de trabalho e enfrenta dificuldades por não entender a língua do país. Por conta disso, perde dois empregos, mas acaba arrumando outro, na linha de montagem de uma fábrica, onde ouve mais uma história de migração. O colega de trabalho o convida para jogar com os amigos após o expediente.

V. O migrante escreve para os familiares, mandando notícias e dinheiro. Após algum tempo, há o reencontro com a família, que emigra também, indo morar com ele.

VI. A família está completamente aclimatada ao país de destino. A imagem mais eloquente disso aparece no final, em que a filha dá informações a uma imigrante recém-chegada, tão perdida quanto eles estavam ao chegar.

Mergulhando na temática

ARQUÉTIPOS

Em sentido amplo, arquétipo significa modelo, paradigma, exemplo ideal. O arquétipo pode ser um símbolo, um personagem-tipo ou um tema recorrente em diferentes épocas e lugares, tema que incorpora algum aspecto da experiência humana universal.

Nos anos 1920, o psiquiatra suíço Carl Gustav Jung (1875-1961), criador da psicologia analítica, cunhou uma acepção psicológica para o termo. Segundo ele, determinadas imagens e ideias constituiriam resíduos de uma memória ancestral preservada no inconsciente coletivo da humanidade. Os símbolos arquetípicos apareceriam nos mitos, lendas e rituais de um povo, e também nos sonhos, na literatura e na arte. O termo "arquétipo" foi ainda alargado e aprofundado por críticos literários como o teórico canadense Northrop Frye (1912-1991). Na obra *Anatomia da crítica* (1957), Frye propõe uma "crítica arquetípica" com sua teoria dos mitos.

No livro de Shaun Tan, tanto a história do protagonista como a dos outros personagens com quem troca experiências podem ser consideradas arquetípicas, pois trazem vários elementos comuns: a opressão, a partida difícil e a separação familiar, a travessia, a chegada ao país estrangeiro, as dificuldades, o acolhimento, a aclimatação e o reencontro com a família. Além disso, diversos símbolos e imagens no livro revelam-se arquetípicos, como a cauda do dragão, na cidade de origem, e a arquitetura e a língua do país de destino, que, embora estranhos à primeira vista, originam-se de imagens e símbolos familiares, conforme sugerido.

INTERPRETANDO O TEXTO

MIGRANTES

O principal tema do livro é a migração. A jornada do pai de família em *A chegada* é difícil, com diversos momentos de tensão e constrangimento. Ao passar pelo serviço de imigração, ele sofre um humilhante exame médico, sendo "classificado" com diversas etiquetas. Em seguida, é entrevistado, tendo provavelmente de justificar sua entrada no país, a despeito da dificuldade com que se comunica – por isso a foto da família em um dos quadrinhos (p. 32). Seus gestos nessa página revelam desconforto e apreensão. No último quadrinho, contudo, ele desvia o olhar. A sequência da cena, na página seguinte, mostra um documento (possivelmente um papel emitido pelo país de chegada) passando de mão em mão, sendo lido, carimbado, assinado. O processo é tenso e burocrático, mas termina bem: os papéis garantem ao migrante a condição de legalidade; ele não precisará se esconder nem fugir das autoridades, podendo circular livremente e procurar emprego. Além disso, o protagonista de *A chegada* conhecerá outros estrangeiros, que o acolherão e lhe oferecerão ajuda, compartilhando com ele suas histórias de luta e sobrevivência.

Esta obra de Shaun Tan não remete a nenhum contexto histórico ou geográfico específico. As causas que forçam os personagens a emigrar são representadas de modo simbólico, por meio de **arquetípos**. No caso do protagonista, a cauda do dragão ocupando a cidade pode aludir a opressões de origem desconhecida: guerra, ditadura, flagelo natural, penúria econômica etc. O medo parece entranhado no personagem que, ao ver saindo de uma caixa a cauda de um bicho semelhante àquela do monstro de seu país natal, quase entra em pânico (p. 68-69).



MIGRAÇÕES FORÇADAS

Há condições de migração muito piores que as retratadas em *A chegada*. Em várias delas, os migrantes que tentam a vida em outro país são revistados e interrogados de forma abusiva, muitas vezes vítimas de preconceitos. Em outras, entram clandestinamente no país de destino, correndo risco de morte na travessia. A migração expõe os indivíduos a situações em que são frequentes as negativas de direitos. Não pertencendo mais ao país que deixaram, tampouco se tornam cidadãos do país de chegada. O migrante é, assim, refém da incerteza e da vulnerabilidade; está exposto ao arbítrio.

Nesse universo de migrações e deslocamentos humanos, o caso dos refugiados é particularmente difícil. O refugiado foge de sua região de origem por causa de guerras, perseguições (por motivos políticos, raciais, étnicos, religiosos) e violações de direitos humanos. No país de destino, luta para conseguir o reconhecimento de sua condição de refugiado, ou seja, para ser legalmente aceito como alguém que não teve escolha senão emigrar e que merece ser protegido pelo país que agora o acolhe.

Historicamente, o refúgio está ligado à experiência da guerra e representa um compromisso internacional de proteção aos que fogem de um conflito. A Convenção das Nações Unidas sobre o Estatuto dos Refugiados data de 1951 e se associa à experiência do pós-guerra na Europa. Hoje em dia, contudo, o refúgio traduz a proteção devida em casos de perseguição política e sérias violações de direitos humanos. Um tema importante, que ainda permanece

Mas a experiência dos outros migrantes que ele encontra parece ainda pior. A moça que o ajuda a utilizar o transporte público, na parte III, fugiu quando menina de uma espécie de carvoaria, onde era obrigada a trabalhar em condição análoga à de escravidão. Na mesma parte, ele ouve a narrativa do homem que o ajuda no mercado: sua cidade natal foi invadida por gigantes com aspiradores que sugavam pessoas. A imagem sugere perseguição política, evocando prisões arbitrárias em um regime de exceção. Por fim, na parte IV, um sobrevivente de guerra relata sua história de dor, morte, mutilação, destruição.

Todas são narrativas de **migração forçada**. Por um lado, indeterminadas porque arquetípicas, mas seu caráter universal não deixa de apontar para cada caso particular, conforme vemos na maneira como Shaun Tan representa a solidariedade entre os migrantes. É por meio da força e do caráter único de cada história que se estabelece uma rede informal de comunicação e ajuda entre os estrangeiros. Assim como foi recebido no país de chegada de modo amistoso, o personagem central, uma vez “aclimatado”, passará a acolher novos estrangeiros que ali chegam. É o que mostra o final do livro, em que sua filha dá informações a uma recém-chegada.

sujeito a retrocessos, é a integração dos refugiados nos países de destino, com acesso a emprego, saúde e educação.

Vale lembrar que, além da fuga causada por perseguições ou conflitos, razões econômicas também pesam na decisão de deixar o país de origem e na “escolha” do país de destino. No entanto, o refugiado típico é alguém que almeja voltar à terra natal tão logo a causa de sua partida – guerra, perseguição – seja superada. Em muitos casos, saiu apenas com a roupa do corpo e deixou atrás de si familiares. O retorno seguro de refugiados ao país de origem, quando as condições o permitem, é uma das principais bandeiras do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR), agência da ONU criada em 1950 para proteger essas vítimas que se veem obrigadas a atravessar fronteiras.

As migrações forçadas podem incluir também pessoas que fogem de catástrofes naturais ou situações de penúria extrema. Embora não possam reivindicar a proteção do refúgio, cada vez mais as migrações forçadas mobilizam também a atenção dos países a que essas vítimas se dirigem. Exemplo disso é o caso dos migrantes haitianos que têm ▶

▶
chegado ao Brasil. Buscando melhores condições de vida, especialmente após o terremoto que atingiu o Haiti em janeiro de 2010, esses migrantes percorrem um longo caminho em busca de melhores condições de vida em nosso país. Em seu tortuoso percurso em situação vulnerável, à mercê de “agentes”, atravessam diversos países, sujeitos a toda sorte de abusos e explorações. O governo brasileiro tem reconhecido a necessidade humanitária de legalizar a permanência desses migrantes no país, ao mesmo tempo que busca não incentivar, com isso, a vinda de um fluxo descontrolado de novos migrantes, que se arriscam em uma travessia precária e perigosa.

Pela fragilidade da proteção com que contam no país de destino, é muito comum o estabelecimento de redes de apoio mútuo entre migrantes e refugiados. Quando o principal motivo da migração é econômico, tais redes funcionam às vezes como agências de recrutamento. O mais comum é que os fluxos migratórios contem com essas comunidades de migrantes estabelecidas nos países de destino, que são a base da integração dos recém-chegados.

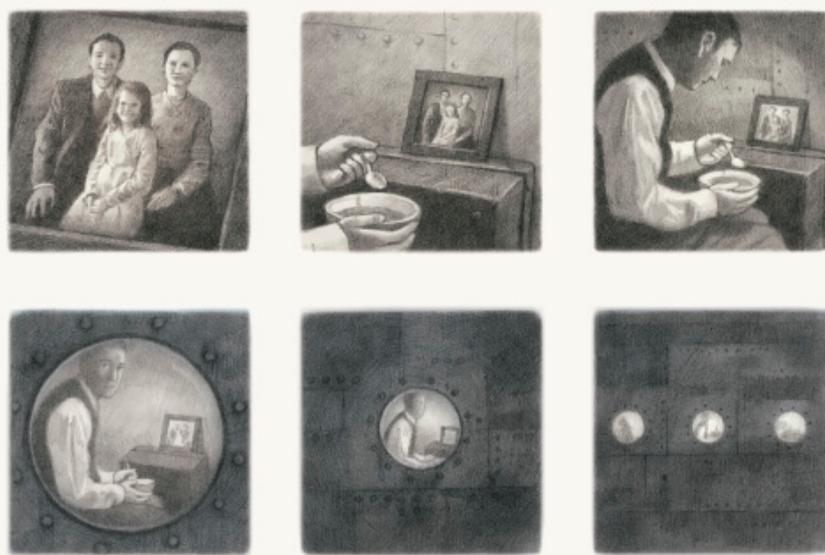
Pode-se observar a existência desse tipo de comunidade no livro de Shaun Tan: todos os personagens são migrantes e acolhem uns aos outros. Por seus depoimentos, vê-se que, de modo geral, são vítimas de migrações forçadas, possivelmente refugiados. A obtenção de papéis no início do livro, pelo protagonista, pode ser interpretada como um pedido de refúgio. Os quadrinhos em que ele reconstitui seu

ARTE SEQUENCIAL E CINEMA

No livro, Shaun Tan utiliza recursos de diferentes artes visuais. Uma de suas inspirações vem da experiência com filmes de animação, da criação de *storyboards* e da montagem/edição de *sequências* de imagens. Outra grande influência foram os quadrinhos. Tan baseou-se principalmente em *mangás*, quadrinhos japoneses com pouco texto e ritmo bem diferente do das tiras ocidentais.

Em muitas páginas, vemos de fato pequenos quadros sucedendo-se para, a partir de detalhes, compor um cenário, encadear eventos ou traduzir certos lapsos temporais. Dois momentos da história retratam intervalos especialmente longos. O primeiro é o período que o homem passa no navio (p. 20-21): cada quadrinho contém apenas o céu e as nuvens, em diversas configurações, indicando um tempo de espera, sem muitas mudanças, quase estagnado. O segundo momento é o do migrante aguardando a resposta de sua família, traduzida nas transformações de uma árvore ao longo das estações (p. 110-111).

Em ambos os casos, o autor utiliza também um recurso próprio do cinema, alternando o *close* e o *plano geral*. A sequência do navio inicia-se com um *close* na foto da família (p. 17). O *enquadramento* fechado vai se abrindo aos poucos; a série de



percurso (p. 32) são também importantes nesse sentido, pois a verossimilhança da história que os refugiados contam é o principal elemento na análise dos pedidos de refúgio em todo o mundo, sobretudo porque muitas vezes esses migrantes não possuem nenhum documento.

TÉCNICAS CINEMATOGRÁFICAS

Shaun Tan utiliza diversas técnicas do cinema na composição de *A chegada*.

O *storyboard* consiste em uma sequência de imagens que funcionam como um modo de pré-visualização do filme, seja ele de animação ou não.

Close e plano geral são tipos de plano. Plano é um trecho de filme que foi ou aparenta ter sido rodado sem interrupção. Pode ser classificado quanto a duração, movimento, ângulos vertical e horizontal da câmera, e, finalmente, distância em relação ao objeto, também conhecido como enquadramento.

No *close* (ou *close-up*), o enquadramento é fechado, optando-se por mostrar somente parte ou detalhes do objeto. O *close* tradicional é quando a câmera (ou a lente) aproxima-se do rosto de um personagem. O termo, em inglês, que significa tanto *fechar* (*to close*) quanto *ficar próximo de* (*close to*). O plano geral, por sua vez, consiste em um enquadramento aberto, que mostra uma paisagem, um cenário ou um panorama por inteiro.

O conjunto de planos e cenas de um filme é chamado de sequência, cuja principal característica é o fato de possuir unidade de ação dramática. A sequência, como o capítulo de um romance, deve ter início, meio e fim. Mas não é necessário que possua, como a cena, unidade de espaço e tempo: uma mesma sequência pode conter diferentes cenários e épocas.

quadrinhos sugere uma câmera distanciando-se do objeto filmado, ampliando a visão dos elementos da cena. O último quadrinho da página mostra o navio no mar. O enquadramento amplia-se ainda mais nas duas páginas seguintes (18-19). O navio não é mais o objeto central; ele se torna pequeno diante do vasto oceano e do enorme céu, com grandes nuvens. A cena traduz a solidão dos homens no mar, rumo ao desconhecido. Depois vemos, em uma página dupla (20-21), sessenta quadrinhos com vários tipos de nuvem. Em seguida, há uma nova tomada do navio ao longe (p. 22), que dá lugar à cena dos migrantes no convés (p. 23). Novamente o autor se vale do *close*, fechando o plano aos poucos nas mãos do protagonista, depois em seu rosto, cuja expressão e movimento indicam que ele vê algo novo, diferente. O *close*, aqui, também enfatiza a dramaticidade da cena, a expectativa do personagem, que está prestes a avistar o porto do novo país após a longa e angustiante viagem. Esse é apenas um exemplo, entre outros, da alternância entre plano fechado e plano geral.

Percebemos, assim, como Tan consegue contar sua história de modo eficaz e eloquente, mesmo sem o auxílio de palavras. Na verdade, a supressão do discurso verbal colabora para o entendimento da obra, pois coloca o leitor em uma posição semelhante à do imigrante em confronto com uma língua que não consegue ler ou entender. Sem as palavras como guia, as imagens estão mais abertas à busca de sentido e à interpretação de cada leitor.





FOTOGRAFIA

As ilustrações de *A chegada* assemelham-se a antigas fotos em um álbum de família. O autor utiliza preto e branco, e diversos tons de cinza, marrom e sépia. Ele também “trata” as imagens de modo a conferir-lhes um aspecto envelhecido, desgastado: em muitas delas há vincos, manchas, riscos.

As narrativas de migração ao longo da obra aparecem como pequenos álbuns dentro do álbum maior que é *A chegada*. Na história dos “gigantes-aspiradores”, cada imagem é disposta sobre um fundo preto similar ao de muitos álbuns antigos. Nas histórias da mulher e do velho operário, as imagens ganham molduras. Fotografias com bordas amassadas, corroídas, rasgadas indicam tanto a passagem do tempo como a peregrinação dos migrantes. Não parecem fotos cuidadosamente armazenadas, mas carregadas no bolso de um casaco, dentro de um livro, de um lugar a outro. As ilustrações das páginas 97 e 99 são bons exemplos do uso desses recursos.

Para o autor, o álbum de família é também uma espécie de livro ilustrado que depende da memória e da imaginação de cada “leitor” (preenchendo lacunas, criando continuidades) para se converter em narrativa.

ESTRANHAMENTO E PERTENÇA

O uso da fotografia como referência para o desenho de *A chegada* combinado aos cenários fantasiosos da cidade de destino expressa belamente a mistura de estranhamento e familiaridade presente na obra. Mesmo na era do Photoshop e da manipulação digital, a fotografia tem apelo realista, valor de documento. Por sua vez, os desenhos do país de chegada retratam um mundo imaginário, com barcos voadores, cabines-balão, máquinas e bichos fantásticos.

O autor mistura referências históricas, arcaicas, com imagens futuristas. Em meio ao denso traçado da cidade, com grandes edifícios, torres de fábricas e um emaranhado de ruas em diferentes níveis, destacam-se construções em forma de cone que lembram a simplicidade de antigas tendas. Na primeira grande panorâmica da cidade (p. 36-37), é possível ver também uma das estátuas gigantes que sobre ela se erguem. Esta representa uma espécie de águia segurando um ovo, como se o ofertasse. A imagem não tem significado preciso, mas também evoca algo arcaico, tribal. O mesmo se pode dizer das vestimentas de alguns habitantes do país. Já a linguagem escrita é composta por símbolos que lembram ideogramas, caracteres orientais.



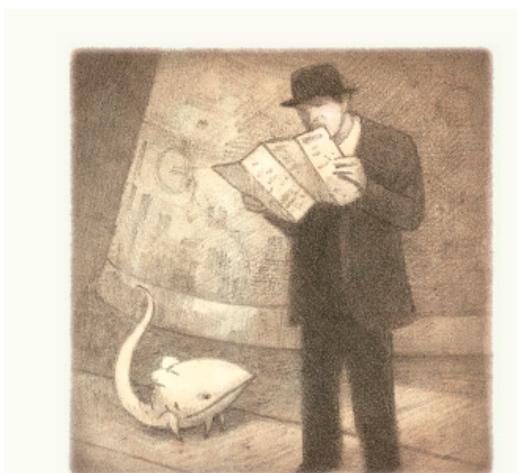
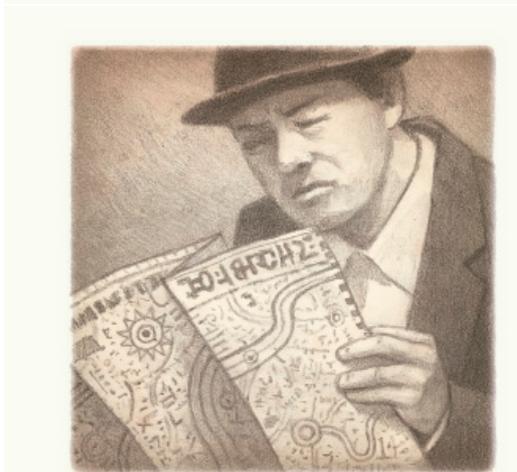
Quando o autor fecha o ângulo de visão, mostrando em *close* o comércio e a vida na rua em que o migrante aterrissa sua cabine, o que encontramos parece também familiar: vendedores de comida, músicos, um menino jornaleiro, um barbeiro (p. 40-41). Poderia tanto ser uma cena do passado como algo ocorrido em um futuro distante. O último quadrinho da página 41 mostra o protagonista com uma das mãos no queixo, olhar intrigado, segurando uma mala. É lícito supor que, além da evidente desorientação, ele também identifica certa familiaridade no que vê. Na verdade, o estranhamento se dá por meio da recombinação de elementos conhecidos.

Profissões e vida cotidiana trazem a repetição de gestos ancestrais, dentro de um repertório conhecido, mas com diferentes objetos, linguagens e modos de usar. Os elementos mágicos são arranjados em uma ordem semelhante à do mundo que conhecemos. A cidade funciona como qualquer outra; os passos da rotina das pessoas são os mesmos: elas trabalham, utilizam o transporte público, fazem compras, têm seus momentos de lazer, de festa, comem, dormem etc. A principal diferença são os signos dessa rotina, a forma como ela aparece. Uma vez decodificados esses novos signos e o modo como operam, a vida segue seu curso normal.

Claro que esse processo não é fácil. Ele exigirá do migrante grandes esforços adaptativos para os gestos mais banais. Mas, no final, tudo se arranjará. Um excelente exemplo dessa passagem pode ser obtido comparando a página 5 com a 121, no início da última parte. Ambas contêm nove quadrinhos, cada qual mostrando um objeto que é “atualizado” na segunda aparição. Tudo é familiar e, ao mesmo tempo, diferente: o relógio, os utensílios de comer, a chaleira. Além disso, os desenhos do início são sombrios, soturnos, e os do final aparecem iluminados, traduzindo a alegria da nova vida. As referências “geoafetivas” também mudam: a paisagem que a menina desenha é a da cidade que os acolheu. O objeto mais significativo é o *origami*, referência familiar ao longo da história, representando a ligação do pai com a filha, suas memórias, suas esperanças. A imagem do pássaro é substituída pela do novo bicho de estimação, que teve um papel importante, se não fundamental, no acolhimento e adaptação do homem ao novo país. O animal é a própria representação da mudança, porque deixa de ser o completamente estranho e assustador para tornar-se parte da família.



NA SALA DE AULA



1. Para que os alunos se coloquem no lugar do migrante em *A chegada*, o professor propõe a seguinte atividade: a turma deve trazer para a sala de aula textos escritos em línguas completamente estranhas a ela, como chinês, japonês, sânscrito, árabe, hebraico etc. Uma boa sugestão são jornais, que contêm assuntos variados e podem ser encontrados e impressos por meio de pesquisas na internet ou comprados em locais que servem à comunidade em questão, como os jornais japoneses no bairro da Liberdade, em São Paulo. Em sala de aula, os alunos tentam decifrar o conteúdo dos textos.
2. A questão do pertencimento é um dos principais temas de *A chegada*. Shaun Tan a considera importante porque aparece não só na situação específica da migração, mas em diversos momentos de nossa vida: quando começamos um novo emprego, quando entramos em uma nova escola ou quando aquilo que planejamos ocorre de maneira diferente e temos de nos adaptar. Trata-se, portanto, de uma questão existencial básica, com a qual todos nós temos de lidar vez ou outra, em maior ou menor grau. Essa reflexão pode conduzir a uma atividade em que os alunos escrevam sobre experiências de estranhamento e isolamento em suas vidas. Depois, vale partilhar os textos e as experiências com os colegas.
3. A história das migrações no Brasil oferece importante assunto de pesquisa relacionado ao livro. Desde o sequestro dos negros africanos, na época da escravidão, até a onda de imigrações europeias, o estudo do tema ajuda a compreender a formação étnica e cultural do país. Cumpre também pesquisar as migrações dentro do próprio Brasil, entre diferentes regiões. Nessa atividade, é possível ainda uma comparação entre a imagem do navio de migrantes em *A chegada* (p. 23) e a tela *Navio de emigrantes*, de Lasar Segall (1891-1957), que pode ser visualizada em <http://www.museusegall.org.br/mlsObra.asp?sSume=15&sObra=38>. Para a melhor realização da atividade, o professor pode dividir a sala em grupos, e cada um deles cuida de um tópico relacionado às migrações no Brasil: negros, europeus, japoneses, árabes (sobretudo libaneses), migrações internas etc. Um último

tópico de pesquisa pode incluir o modo como o país recebe os pedidos de refúgio de estrangeiros. Neste caso, há diversos exemplos, como o caso dos palestinos ou o dos haitianos. Cada grupo apresenta os resultados de sua pesquisa ao resto da turma. No final, os alunos elaboram um painel contando a história das migrações no Brasil para ser exposto em um mural coletivo da escola, de maneira que outras turmas possam ter acesso ao trabalho.

4. Com a participação do professor de Artes, propõe-se aos alunos a realização de um *storyboard* para curta de animação empregando técnicas semelhantes às utilizadas em *A chegada*. O conteúdo e o roteiro da história seriam elaborados com base na pesquisa proposta no item anterior. Para desenhar um *storyboard*, os alunos podem valer-se de um recurso empregado por Shaun Tan: ele construiu diversos cenários em tamanho real, com amigos atuando, e filmou ou fotografou as cenas, para depois trabalhar sobre elas com a técnica tradicional de grafite sobre papel.



REFERÊNCIAS COMPLEMENTARES

CANÇÕES

- BUARQUE, Chico. Iracema. CD *As cidades*, 1998. BMG Brasil. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/chico-buarque/iracema-voou.html>>. Acesso em: 8 ago. 2013.
- GIL, Gilberto. Back in Bahia. LP *Expresso 2222*, 1972. Universal. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/gilberto-gil/back-in-bahia.html>>. Acesso em: 8 ago. 2013.
- WISNIK, José Miguel. Terra estrangeira. CD *São Paulo Rio*, 2002. Independente. Disponível em: <<http://www.vagalume.com.br/jose-miguel-wisnik/discografia/sao-paulo-rio.html>>. Acesso em: 8 ago. 2013.

As três canções indicadas tratam da sensação de deslocamento e da saudade vividas por estrangeiros.

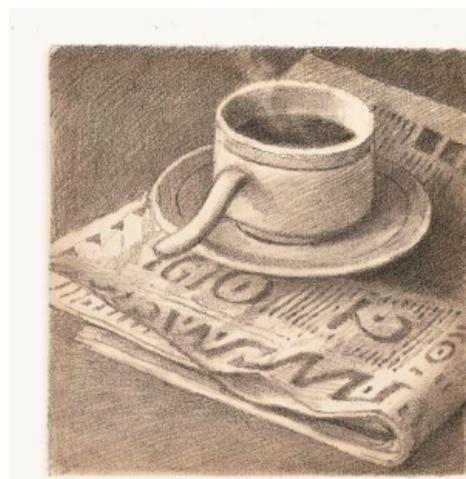
SITES

- INSTITUTO Migrações e Direitos Humanos – IMDH. Disponível em: <<http://www.migrante.org.br>>. Acesso em: 8 ago. 2013.
- MINISTÉRIO da Justiça – Conare (Comitê Nacional para os Refugiados). Disponível em: <<http://portal.mj.gov.br>> (clique em “Estrangeiros” e depois em “Conare”). Acesso em: 8 ago. 2013.
- ALTO Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados – ACNUR. Disponível em: <<http://www.acnur.org/portugues>>. Acesso em: 8 ago. 2013.

Os sites são excelentes fontes de pesquisa sobre o refúgio e os refugiados no Brasil e no mundo.

LIVROS

- ANDRADE, Carlos Drummond de. A ilusão do migrante. *Farewell*. 8 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. O poema de Drummond (1902-1987) reflete sobre o fato de o migrante carregar para sempre consigo as referências afetivas e culturais de seu lugar de origem.
- RAWET, Samuel. *Contos do imigrante*. 2 ed. São Paulo: Ediouro, 1998. Em seu livro de estreia, Rawet (1929-1984), ele próprio um imigrante que veio da Polônia para o Brasil em 1937, aborda a experiência da ruptura, do deslocamento e do estranhamento vividos pelos migrantes.
- TAN, Shaun. *A árvore vermelha*. São Paulo: Edições SM, 2009



- TAN, Shaun. *A coisa perdida*. São Paulo: Edições SM, 2011.
- _____. *Regras de verão*. São Paulo: Edições SM, 2014.

Para conhecer um pouco mais da obra do autor.

FILMES

- *A chegada*. Adaptação para o teatro feita por um grupo australiano. Disponível em: <<http://youtu.be/23WrXz-GaS4>>. Acesso em: 8 ago. 2013.
- *Jean Charles*. Direção: Henrique Goldman. Elenco: Daniel Oliveira, Luis Miranda, Selton Mello, Vanessa Giácomo. Brasil, 2009. 90 min. O filme é uma ficção sobre os últimos meses de vida de Jean Charles de Menezes (1978-2005), o brasileiro que foi morto pela polícia londrina ao ser confundido com um terrorista, no clima de discriminação e medo vivido após uma onda de ataques terroristas em Londres. Mas a história trata sobretudo da vida dos brasileiros que vivem em Londres, suas lutas, dificuldades, sonhos e esperanças.
- *Olhos azuis*. Direção: José Joffily. Elenco: Cristina Lago, David Rasche, Irandhir Santos. Brasil, 2009. 105 min. A história sobre um migrante brasileiro que é brutalmente interrogado por um oficial da imigração nos Estados Unidos mostra as frequentes injustiças de que são vítimas os migrantes.
- *O terminal (The terminal)*. Direção: Steven Spielberg. Elenco: Catherine Zeta-Jones, Stanley Tucci, Tom Hanks. Estados Unidos, 2004. 128 min. O filme mostra a situação de um homem que fica preso no aeroporto JFK, em Nova York, sem poder regressar a seu país (que deixa de existir em função de uma guerra) nem desembarcar na cidade norte-americana.

